

DOMINGO XXXII DO TEMPO COMUM

CIC 992-996: a revelação progressiva da Ressurreição

- 992** A ressurreição dos mortos foi revelada progressivamente por Deus ao seu povo. A esperança na ressurreição corporal dos mortos impôs-se como consequência intrínseca da fé num Deus criador do homem todo, alma e corpo. O Criador do céu e da terra é também Aquele que mantém fielmente a sua aliança com Abraão e a sua descendência. É nesta dupla perspectiva que começará a exprimir-se a fé na ressurreição. Nas suas provações, os mártires Macabeus confessam:
- «O Rei do universo ressuscitar-nos-á para uma vida eterna, a nós que morremos pelas suas leis» (2 *Mac* 7, 9). «É preferível morrerem às mãos dos homens e termos a esperança em Deus de que havemos de ser ressuscitados por Ele» (2 *Mac* 7, 14)¹.
- 993** Os fariseus² e muitos contemporâneos do Senhor³ esperavam a ressurreição. Jesus ensina-a firmemente. E aos saduceus, que a negavam, responde: «Não andareis vós enganados, ignorando as Escrituras e o poder de Deus?» (*Mc* 12, 24). A fé na ressurreição assenta na fé em Deus, que «não é um Deus de mortos, mas de vivos» (*Mc* 12, 27).
- 994** Mas há mais: Jesus liga a fé na ressurreição à sua própria pessoa: «Eu sou a Ressurreição e a Vida» (*Jo* 11, 25). É o próprio Jesus que, no último dia, há-de ressuscitar os que n'Ele tiverem acreditado⁴, comido o seu Corpo e bebido o seu Sangue⁵. Desde logo, Ele dá um sinal disto mesmo, e uma garantia, restituindo a vida a alguns mortos⁶ e preanunciando assim a sua própria ressurreição que, no entanto, será de ordem diferente. Jesus fala deste acontecimento único como do «sinal de Jonas»⁷, do sinal do templo⁸; Ele anuncia a sua ressurreição ao terceiro dia depois da morte⁹.
- 995** Ser testemunha de Cristo é ser «testemunha da sua ressurreição» (*Act* 1, 22)¹⁰, é «ter comido e bebido com Ele depois da sua ressurreição dos mortos» (*Act* 10, 41). A esperança cristã na ressurreição é toda marcada pelos encontros com Cristo ressuscitado. Nós ressuscitaremos como Ele, com Ele e por Ele.

¹ Cf. 2 *Mac* 7, 29; *Dn* 12, 1-13.

² Cf. *Act* 23, 6.

³ Cf. *Jo* 11, 24.

⁴ Cf. *Jo* 5, 24-25; 6, 40.

⁵ Cf. *Jo* 6, 54.

⁶ Cf. *Mc* 5, 21-43; *Lc* 7, 11-17; *Jo* 11.

⁷ Cf. *Mt* 12, 39.

⁸ Cf. *Jo* 2, 19-22.

⁹ Cf. *Mc* 10, 34.

¹⁰ Cf. *Act* 4, 33.

- 996** Desde o princípio que a fé cristã na ressurreição se deparou com incompreensões e oposições¹¹. «Não há ponto em que a fé cristã encontre mais contradição do que o da ressurreição da carne»¹². É bastante comum a aceitação de que, depois da morte, a vida da pessoa humana continua de modo espiritual. Mas como acreditar que este corpo, tão manifestamente mortal, possa ressuscitar para a vida eterna?
- 997** *O que é ressuscitar?* Na morte, separação da alma e do corpo, o corpo do homem cai na corrupção, enquanto a sua alma vai ao encontro de Deus, embora ficando à espera de se reunir ao seu corpo glorificado. Deus, na sua onipotência, restituirá definitivamente a vida incorruptível aos nossos corpos, unindo-os às nossas almas pela virtude da ressurreição de Jesus.
- 998** *Quem ressuscitará?* Todos os homens que tiverem morrido: «Os que tiverem praticado o bem, para uma ressurreição de vida e os que tiverem praticado o mal, para uma ressurreição de condenação» (Jo 5, 29)¹³.
- 999** *Como?* Cristo ressuscitou com o seu próprio corpo: «Vede as minhas mãos e os meus pés: sou Eu mesmo» (Lc 24, 39); mas não regressou a uma vida terrena. De igual modo, n'Ele «todos ressuscitarão com o seu próprio corpo, com o corpo que agora têm»¹⁴, mas esse corpo será «transformado em corpo glorioso»¹⁵, em «corpo espiritual» (1 Cor 15, 44):
- «Alguém poderia perguntar: “Como ressuscitam os mortos? Com que espécie de corpo voltam eles?” Insensato! O que tu semeias não volta à vida sem morrer. E o que semeias não é o corpo que há-de vir, é um simples grão [...]. O que é semeado sujeito à corrupção ressuscita incorruptível; [...] os mortos ressuscitarão incorruptíveis [...]. É, de facto, necessário que este ser corruptível se revista de incorruptibilidade, que este ser mortal se revista de imortalidade» (1 Cor 15, 35-37.42.52-53).

CIC 997-1004: a nossa ressurreição em Cristo

- 997** *O que é ressuscitar?* Na morte, separação da alma e do corpo, o corpo do homem cai na corrupção, enquanto a sua alma vai ao encontro de Deus, embora ficando à espera de se reunir ao seu corpo glorificado. Deus, na sua onipotência, restituirá definitivamente a vida incorruptível aos nossos corpos, unindo-os às nossas almas pela virtude da ressurreição de Jesus.
- 998** *Quem ressuscitará?* Todos os homens que tiverem morrido: «Os que tiverem praticado o bem, para uma ressurreição de vida e os que tiverem praticado o mal, para uma ressurreição de condenação» (Jo 5, 29)¹⁶.

¹¹ Cf. Act 17, 32; 1 Cor 15, 12-13.

¹² SANTO AGOSTINHO, *Enarratio in Psalmum* 88, 2, 5: CCL 39, 1237 (PL 37, 1134).

¹³ Cf. Dn 12, 2.

¹⁴ IV CONCÍLIO DE LATRÃO, c. 1, *De fide catholica*: DS 801.

¹⁵ Cf. Fl 3, 21.

¹⁶ Cf. Dn 12, 2.

999 *Como?* Cristo ressuscitou com o seu próprio corpo: «Vede as minhas mãos e os meus pés: sou Eu mesmo» (Lc 24, 39); mas não regressou a uma vida terrena. De igual modo, n'Ele «todos ressuscitarão com o seu próprio corpo, com o corpo que agora têm»¹⁷, mas esse corpo será «transformado em corpo glorioso»¹⁸, em «corpo espiritual» (1 Cor 15, 44):

«Alguém poderia perguntar: “Como ressuscitam os mortos? Com que espécie de corpo voltam eles?” Insensato! O que tu semeias não volta à vida sem morrer. E o que semeias não é o corpo que há-de vir, é um simples grão [...]. O que é semeado sujeito à corrupção ressuscita incorruptível; [...] os mortos ressuscitarão incorruptíveis [...]. É, de facto, necessário que este ser corruptível se revista de incorruptibilidade, que este ser mortal se revista de imortalidade» (1 Cor 15, 35-37.42.52-53).

1000 Este «como» ultrapassa a nossa imaginação e o nosso entendimento; só na fé se torna acessível. Mas a nossa participação na Eucaristia dá-nos já um antegoço da transfiguração do nosso corpo, operada por Cristo:

«Assim como, depois de ter recebido a invocação de Deus, o pão que vem da terra deixa de ser pão ordinário e é Eucaristia, constituída por duas coisas, uma terrena, outra celeste, do mesmo modo os nossos corpos, que participam na Eucaristia, já não são corruptíveis, pois têm a esperança da ressurreição»¹⁹.

1001 *Quando?* Definitivamente «no último dia» (Jo 6, 39-40.44.54; 11, 24), «no fim do mundo»²⁰. Com efeito, a ressurreição dos mortos está intimamente associada à Parusia de Cristo:

«Ao sinal dado, à voz do arcanjo e ao som da trombeta divina, o próprio Senhor descerá do céu e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro» (1 Ts 4, 16).

1002 Se é verdade que Cristo nos há-de ressuscitar «no último dia», também é verdade que, de certo modo, nós já ressuscitámos com Cristo. De facto, graças ao Espírito Santo, a vida cristã é desde já, na terra, uma participação na morte e ressurreição de Cristo:

«Pelo Baptismo fostes sepultados com Cristo e também ressuscitastes com Ele, devido à fé que tivestes na força de Deus, que O ressuscitou dos mortos [...]. Uma vez que ressuscitastes com Cristo, aspirai às coisas do Alto, onde Cristo Se encontra sentado à direita de Deus» (Cl 2, 12; 3, 1).

1003 Unidos a Cristo pelo Baptismo, os crentes participam já realmente na vida celeste de Cristo ressuscitado²¹. Mas esta vida continua «escondida com Cristo em Deus» (Cl 3, 3). «Com Ele nos ressuscitou e nos fez sentar nos céus, em Cristo Jesus» (Ef 2, 6). Alimentados pelo seu Corpo na Eucaristia, nós pertencemos já ao Corpo de Cristo. Quando ressuscitarmos no último dia, havemos também de nos «manifestar com Ele na glória» (Cl 3, 4).

¹⁷ IV CONCÍLIO DE LATRÃO, c. 1, *De fide catholica*: DS 801.

¹⁸ Cf. Fl 3, 21.

¹⁹ SANTO IRENEU DE LIÃO, *Adversus Haereses* 4, 18, 5: SC 100, 610-612 (PG 7, 1028-1029).

²⁰ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 48: AAS 57 (1965) 54.

²¹ Cf. Fl 3, 20.

1004 À espera desse dia, o corpo e a alma do crente participam já na dignidade de ser «em Cristo». Daí a exigência do respeito para com o próprio corpo e também para com o corpo de outrem, particularmente quando sofre:

«O corpo [...] é para o Senhor. E o Senhor é para o corpo. E Deus, que ressuscitou o Senhor, também nos há-de ressuscitar a nós pelo seu poder. Não sabeis que os vossos corpos são membros de Cristo? [...] Não sabeis que não pertenceis a vós próprios? [...]. Glorificai, pois, a Deus no vosso corpo» (1 Cor 6, 13-15. 19-20).

CIC 1023-1029: o Céu

1023 Os que morrem na graça e amizade de Deus e estão perfeitamente purificados, vivem para sempre com Cristo. São para sempre semelhantes a Deus, porque O vêem «tal como Ele é» (1 Jo 3, 2), «face a face» (1 Cor 13, 12)²²:

«Com a nossa autoridade apostólica, definimos que, por geral disposição divina, as almas de todos os santos mortos antes da paixão de Cristo [...] e as de todos os outros fiéis que morreram depois de terem recebido o santo Baptismo de Cristo e nas quais nada havia a purificar no momento da morte, ou ainda daqueles que, se no momento da morte houve ou ainda há qualquer coisa a purificar, acabaram por o fazer [...] mesmo antes de ressuscitarem em seus corpos e do Juízo universal – e isto depois da Ascensão ao céu do nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo –, estiveram, estão e estarão no céu, associadas ao Reino dos céus e no paraíso celeste, com Cristo, na companhia dos santos anjos. E depois da paixão e morte de nosso Senhor Jesus Cristo, essas almas viram e vêem a essência divina com uma visão intuitiva e face a face, sem a mediação de qualquer criatura»²³.

1024 Esta vida perfeita com a Santíssima Trindade, esta comunhão de vida e de amor com Ela, com a Virgem Maria, com os anjos e todos os bem-aventurados, chama-se «céu». O céu é o fim último e a realização das aspirações mais profundas do homem, o estado de felicidade suprema e definitiva.

1025 Viver no céu é «estar com Cristo»²⁴. Os eleitos vivem «n'Ele»; mas n'Ele conservam, ou melhor, encontram a sua verdadeira identidade, o seu nome próprio²⁵:

«Porque a vida consiste em estar com Cristo, onde está Cristo, aí está a vida, aí está o Reino»²⁶.

1026 Pela sua morte e ressurreição, Jesus Cristo «abriu-nos» o céu. A vida dos bem-aventurados consiste na posse em plenitude dos frutos da redenção operada por Cristo, que associa à sua glorificação celeste aqueles que n'Ele acreditaram e permaneceram fiéis à sua vontade. O céu é a comunidade bem-aventurada de todos os que estão perfeitamente incorporados n'Ele.

²² Cf. Ap 22, 4.

²³ BENTO XII, Const. *Benedictus Deus*: DS 1000; cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 49: AAS 57 (1965) 54.

²⁴ Cf. Jo 14, 3; Fl 1, 23; 1 Ts 4, 17.

²⁵ Cf. Ap 2, 17.

²⁶ SANTO AMBRÓSIO, *Expositio evangelii secundum Lucam* 10, 121: CCL 14, 379 (PL 15, 1927).

1027 Este mistério de comunhão bem-aventurada com Deus e com todos os que estão em Cristo ultrapassa toda a compreensão e toda a representação. A Sagrada Escritura fala-nos dele por imagens: vida, luz, paz, banquete de núpcias, vinho do Reino, casa do Pai, Jerusalém celeste, paraíso: aquilo que «nem os olhos viram, nem os ouvidos escutaram, nem jamais passou pelo pensamento do homem, Deus o preparou para aqueles que O amam» (1 Cor 2, 9).

1028 Em virtude da sua transcendência, Deus não pode ser visto tal como é, senão quando Ele próprio abrir o seu mistério à contemplação imediata do homem e lhe der capacidade para O contemplar. Esta contemplação de Deus na sua glória celeste é chamada pela Igreja «visão beatífica»:

«Qual não será a tua glória e a tua felicidade quando fores admitido a ver a Deus, a ter a honra de participar nas alegrias da salvação e da luz eterna, na companhia de Cristo Senhor teu Deus, [...] gozar no Reino dos céus, na companhia dos justos e dos amigos de Deus, das alegrias da imortalidade alcançada!»²⁷.

1029 Na glória do céu, os bem-aventurados continuam a cumprir com alegria a vontade de Deus, em relação aos outros homens e a toda a criação. Eles já reinam com Cristo. Com Ele «reinarão pelos séculos dos séculos» (Ap 22, 5)²⁸.

CIC 1030-1032: a purificação final ou Purgatório

1030 Os que morrem na graça e na amizade de Deus, mas não de todo purificados, embora seguros da sua salvação eterna, sofrem depois da morte uma purificação, a fim de obterem a santidade necessária para entrar na alegria do céu.

1031 A Igreja chama *Purgatório* a esta purificação final dos eleitos, que é absolutamente distinta do castigo dos condenados. A Igreja formulou a doutrina da fé relativamente ao Purgatório sobretudo nos concílios de Florença²⁹ e de Trento³⁰. A Tradição da Igreja, referindo-se a certos textos da Escritura³¹, fala dum fogo purificador:

«Pelo que diz respeito a certas faltas leves, deve crer-se que existe, antes do julgamento, um fogo purificador, conforme afirma Aquele que é a verdade, quando diz que, se alguém proferir uma blasfémia contra o Espírito Santo, isso não lhe será perdoado nem neste século nem no século futuro (Mt 12, 32). Desta afirmação podemos deduzir que certas faltas podem ser perdoadas neste mundo e outras no mundo que há-de vir»³².

1032 Esta doutrina apoia-se também na prática da oração pelos defuntos, de que já fala a Sagrada Escritura: «Por isso, [Judas Macabeu] pediu um sacrifício expiatório para que os mortos fossem livres das suas faltas» (2 Mac 12, 46). Desde os primeiros tempos, a Igreja honrou a memória dos defuntos, oferecendo

²⁷ SÃO CIPRIANO DE CARTAGO, *Epistula* 58, 10: CSEL 3/2, 665 (56, 10: PL 4, 367-368).

²⁸ Cf. Mt 25, 21.23.

²⁹ Cf. CONCÍLIO DE FLORENÇA, *Decr. pro Graecis*: DS 1304.

³⁰ Cf. CONCÍLIO DE TRENTO, Sess. 25ª, *Decretum de purgatorio*: DS 1820; Sess. 6ª, *Decr. de iustificatione*, canon 30: DS 1580.

³¹ Por exemplo, 1 Cor 3, 15; 1 Pe 1, 7.

³² SÃO GREGÓRIO MAGNO, *Dialogi* 4, 41, 3: SC 265, 148 (4, 39: PL 77, 396).

sufrágios em seu favor, particularmente o Sacrifício eucarístico³³, para que, purificados, possam chegar à visão beatífica de Deus. A Igreja recomenda também a esmola, as indulgências e as obras de penitência a favor dos defuntos:

«Socorramo-los e façamos comemoração deles. Se os filhos de Job foram purificados pelo sacrifício do seu pai³⁴, por que duvidar de que as nossas oferendas pelos defuntos lhes levam alguma consolação? Não hesitemos em socorrer os que partiram e em oferecer por eles as nossas orações»³⁵.

³³ Cf. II CONCÍLIO DE LIÃO, *Professio fidei Michaelis Palaeologi imperatoris*: DS 856.

³⁴ Cf. *Job* 1, 5.

³⁵ SÃO JOÃO CRISÓSTOMO, *In epistulam I ad Corinthios* homilia 41, 5: PG 61, 361.